



Mem de Sá, o herói contrariado: a releitura de Cecília Meireles da gesta de José de Anchieta

Mem de Sá, the Counteracted Hero: Cecília Meireles' Review of José de Anchieta's Saga

Alina Taís Dário

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais / Brasil

alinatd@gmail.com

Elaine Cristina Cintra

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba / Brasil

elcintra@yahoo.com

Resumo: Este trabalho propõe discutir a releitura que Cecília Meireles realiza da épica de José Anchieta, *De Gestis Mendi de Saa*, em sua obra inacabada *Crônica trovada da Cidade de Sam Sebastiam*, especialmente a parte intitulada “Gesta de Men de Saa”. A hipótese norteadora aponta que tal diálogo promove no campo da estrutura textual uma tensão poética através das aproximações e afastamentos entre as gestas. Para isto foram utilizados referenciais teóricos como Genette (2010), que analisa os procedimentos com os quais a estrutura textual é reorganizada a partir da transtextualidade; Silva e Ramalho (2007), que refletem sobre as nuances e evoluções do gênero épico desde Anchieta até a contemporaneidade; além de outros autores que analisaram o diálogo do modernismo brasileiro com os textos coloniais escritos sobre e no Brasil. A análise permitiu vislumbrar uma construção de personagens que se distancia da idealidade proposta em Anchieta, redimensionando as personagens a uma perspectiva mais humana e menos heroica, o que propicia uma releitura deste momento histórico sob diferentes vislumbres.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Cecília Meireles; José de Anchieta; gesta; Mem de Sá.

Abstract: This paper aims to discuss Cecília Meireles' re-reading of the epic by José Anchieta, *De Gestis Mendi de Saa*, in his unfinished work *Crônica Trovada da Cidade de Sam Sebastian*, especially the part entitled "Gesta de Men de Saa". The guiding hypothesis points out that such dialogue promotes in the field of textual structure a poetic tension through approximation and separation of both epic narratives. For this, Genette (2010), which analyzes the procedures in which the structures are reorganized from the transtextuality; Silva e Ramalho (2007) which reflects on the nuances and evolutions of the epic genre from Anchieta to contemporaneity; as well as other works that discuss the dialogue between Brazilian modernism and the colonial literature about Brazil were used as theoretical reference. The analysis allowed us to glimpse a character construction that distances itself from the ideality proposed in Anchieta's work, resizing the characters to a more human and less heroic perspective, which allows a rereading of this historical moment under different glimpses.

Keywords: Brazilian literature; Cecília Meireles; José de Anchieta; saga; Mem de Sá.

1 Introdução

Uma das facetas mais interessantes da produção poética de Cecília Meireles, autora conhecida por apresentar uma obra lírica exemplarmente intimista, se liga justamente a seus textos dedicados a temas históricos e culturais da sociedade brasileira que mostram um olhar atento para momentos cruciais da formação do país. Nesse sentido, destaca-se de maneira extensiva o *Romanceiro da Inconfidência*, publicado em 1953, que recebeu, dentro desta linha, a atenção majoritária da crítica. Todavia, é preciso também se lembrar de outras obras, como *Batuque, samba e macumba*, obra *suis generis* na produção ceciliana, na qual a autora analisa e ilustra em aquarelas tais expressões. Igualmente não se pode ignorar as crônicas escritas para jornais a partir de 1930, que constituem documentos importantes da vivência social e cultural de sua época.

Este estudo intenciona discutir um livro póstumo da autora que segue esta chave, *Crônica trovada da Cidade de Sam Sebastian*, publicado em 1965. Nessa primeira edição, a nota da editora esclarece que, por ocasião de sua morte, Heitor Grillo, viúvo de Cecília Meireles, entregou o livro juntamente com uma recomendação deixada pela poeta: a obra deveria ser publicada pela Livraria José Olympio em homenagem ao que a editora "tem procurado fazer pelas letras nacionais" (GRILLO *apud* MEIRELES, 1965, p. 11). Grillo também revelou que

Cecília desejava escrever um romanceiro completo do Rio de Janeiro, sua terra natal e que ela tanto amava. E para isso pesquisou nos seus menores detalhes, com incedível labor e inteligência, toda a história dos quatro séculos do Rio de Janeiro, onde encontrou numerosos fatos poéticos. A terrível doença, não permitiu a continuação da admirável obra; que deixou apenas os vinte poemas, da fase da fundação da Cidade. Assinalou em um “Plano de trabalho do Romanceiro do Rio de Janeiro” os fatos mais importantes e ali escreveu um “Poema de Assinatura”, assim redigido:

“Eu sou a que te exalto, aqui nascida,
com linhagem dos Annes, tão antiga.
Conheceram seu sangue e suas vozes
Galiza, Portugal, Madeira, Açores.”

(GRILLO *apud* MEIRELES, 1965, p. 11).

O livro inacabado possui um conjunto de 19 poemas, os quais narram, em um estilo entre o lírico e o épico, a fase da fundação da cidade do Rio de Janeiro, sob o forte diálogo com textos informativos e literários da fase colonial e do romantismo brasileiro. O retorno aos textos coloniais feitos tanto pelos autores românticos quanto pelos modernistas visava reelaborar as representações históricas e os mitos literários fundados na época da colonização do Brasil com o intuito de compor novas perspectivas para a literatura nacional.

O modernismo brasileiro, como reflete Antonio Candido (2011, p. 161), diferentemente do romantismo, que buscava no elemento nacional construir um movimento de afirmação e independência de Portugal, executou a tarefa de criticar e desmistificar a realidade brasileira com o intuito de destacar aspectos que eram percebidos como negativos, por exemplo, o pobre, a fala e a cultura popular.

Dentro desta perspectiva,¹ em *Crônica Trovada* são acionados novos símbolos de representação através da ambiguidade tensionada na construção do discurso poético que procura dismantelar uma estrutura primeira e reorganizá-la de outro modo, o que ocorre tanto na nova

¹ Apesar de a obra em análise ter sido escrita em meados de 1963, não podendo ser limitada ao movimento moderno propriamente dito, é a partir desta perspectiva que o olhar poético ceciliano se volta para os textos da tradição literária e reconta parte da história de fundação da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

visada dos fatos, em um ponto de vista diverso do “oficial”, quanto nas soluções formais. Meireles, em uma estrutura literária subversiva, e, após inúmeras pesquisas, busca, ao recontar a primeira epopeia escrita no país, o lado controverso e ambíguo nas personagens históricas, tecendo uma escrita que exalta a multiplicidade de vozes e que viola as convenções dos gêneros literários em soluções de grande efeito poético.

Em uma possível organização temática, pode-se dizer que uma parte de *Crônica trovada* é composta por canções que retratam o cotidiano e o pensamento indígena; uma segunda parte se compõe de cantos sobre Estácio de Sá; e, por fim, uma terceira, a que nos dedicaremos a estudar neste trabalho, sobre Mem de Sá. De maneira geral, os poemas do livro apontam para uma incessante reflexão sobre a morte, e apresentam como fundo o massacre do povo nativo pelo colonizador, revisando os mitos do descobrimento.

Os poemas são compostos em diferentes estruturas textuais, podendo-se citar monólogos, canções, peças épico-dramáticas, poemas narrativos, orações, trovas. A variedade e o vigor com que Cecília trata o verso poético são característicos de sua poesia de uma maneira geral, e no livro aqui referido este exercício se destaca especialmente. Tal procedimento sustenta uma pluralidade de vozes narrativas, por vezes inclusive opostas, o que leva o texto a incorporar diversas perspectivas históricas. Dessa forma, a história da formação do país é aqui recolocada sob várias posições ideológicas que se utilizam de expressões poéticas distintas em cada uma dessas vozes. Pode-se dizer, assim, que *Crônica trovada* reelabora o lugar comum de uma estrutura histórica consagrada dando a ela novas diretrizes.²

No estudo que segue, propomos analisar os procedimentos com os quais o poema de Cecília Meireles “Gesta de Men de Saa”, última parte da *Crônica trovada da Cidade de Sam Sebastiam*, estabelece um diálogo com a obra de José de Anchieta *De Gestis Mendi de Sá*, e como tal exercício transtextual revisou um dos momentos mais importantes

² Para Hayden White (1994, p. 105), a estrutura se torna um propósito para repensar as narrativas históricas que vão além da utilização dos modelos de acontecimentos e dos processos passados (definidas por ele como “arquétipos narrativos de cultura”): “uma narrativa histórica é não só uma reprodução dos acontecimentos nela relatados, mas também um complexo de símbolos que nos fornece direções para encontrar um ícone da estrutura desses acontecimentos em nossa tradição literária.”

da fundação do país. De maneira mais ampla, discutiremos na análise deste *corpus* algumas das questões que são colocadas na releitura dos textos do momento colonial empreendida pelo movimento modernista, tais como a revisão dos mitos do descobrimento e das posições históricas consolidadas no processo de colonização.

2 O confronto das duas gestas

2.1 A gesta de Anchieta: dimensão histórica e dimensão mítica

Para analisar como Meireles retomou a gesta de Anchieta é preciso antes apresentar as complexas questões que circundaram a fixação do texto do jesuíta. *De Gestis Mendi de Saa*, de José de Anchieta, é considerada a primeira obra da literatura de caráter ficcional escrita em solo brasileiro, e apresenta como herói o português Mem de Sá, que ocupou o cargo de governador-geral do Brasil entre 1558 e 1571. Segundo Carolina Michaëllis Vasconcelos, ao vir para o Brasil, Sá teve a missão de “implantar o império da justiça entre gente totalmente avessa às prescrições do direito e austeridade das leis; limpar de aventureiros e corsários aquelas costas marítimas; assegurar a posse da formosa bahia do Rio de Janeiro” (VASCONCELOS, 1885, p. 796). Mais especificamente, Mem de Sá dedicou-se a combater os franceses entre 1560 e 1565, povo que intencionava estabelecer no local a “França Antártica”. Em 1565, a família Sá, composta por Estácio de Sá, Mem de Sá e seu filho Fernão de Sá, morto em combate, derrotou por fim a França e fundou a cidade do Rio de Janeiro.

As aventuras de Mem de Sá serão narradas pelos principais cronistas da fase colonial, como Gândavo e Gabriel Soares de Souza, destacando-se especialmente Frei Vicente do Salvador, que dedicou vários capítulos ao governador. Mas foi a gesta do Pe. José de Anchieta que primeiramente descreveu pela literatura o “herói civilizador, tornando-o, sob a perspectiva do colonizador, o primeiro grande herói da recém-descoberta Terra de Santa Cruz.

De Gestis Mendi de Saa foi publicada em latim em 1563 pelo tipógrafo João Álvaro. O livro foi dado como perdido por vários séculos, mas em 1928 o Padre Florentino Ogara encontrou em Algorta, Espanha, na residência de uma descendente do Pe. José de Anchieta, um volume que supôs ser a obra, cuja cópia fotográfica foi enviada aos jesuítas

brasileiros. Em 1938, em um incêndio, o original da obra teria sido destruído, restando somente esta cópia que se tornou, desde então, fonte das edições futuras da obra. Posteriormente, descobriu-se na Biblioteca de Évora, em Portugal, um volume reduzido do texto fotografado que foi considerado uma cópia deste, apesar de o documento não apresentar a assinatura de Anchieta, fato ordinário nos outros textos do jesuíta.

Em 1958, *De Gestis Mendi de Saa* foi publicado em latim, acompanhado de uma introdução, versão e notas do Padre Armando Cardoso S. J., que confrontou os dois únicos volumes existentes, resultando no livro que se tem acesso, e que usamos neste trabalho.

A edição do Padre Armando Cardoso traz em seu primeiro capítulo uma “Introdução histórico-literária”, a qual se constitui em um preâmbulo sobre as problemáticas que envolvem o livro, tendo como objetivo atestar a autoria da obra de Anchieta. Nota-se que a atenção em levantar e relatar os dados históricos dessa gesta representa um reiterado esforço para defender que José de Anchieta não só a escreveu, mas também testemunhou os fatos ocorridos descritos na obra, ou seja, atesta-se a veracidade do narrador, confirmando o frágil limiar entre a história e a ficção em tais textos.

A épicade Anchieta possui 3.058 versos hexâmetros heroicos. É importante ressaltar que na estrutura da narrativa, composta pelas cinco partes de um poema épico, a proposição, a invocação, a dedicatória, a narração e o epílogo, percebe-se claramente a influência da epopeia clássica, gênero modelar que o jesuíta usou para a composição de um herói no Brasil, dando-lhe, porém, um caráter cristão.

A proposição em *De Gestis Mendi de Saa* acomete toda a dedicatória. A invocação se realiza com o chamamento do poeta ao Cristo Rei que cumpre sua missão de salvamento por meio de Mem de Sá. A narração toma a maior parte do poema e é a parte em que acontecem todas as ações do herói, sua caracterização e a de outros personagens e episódios. O epílogo, por sua vez, encaminha o poema para um canto final a Cristo.

O enredo desta gesta traz a narração de alguns conteúdos históricos da empreitada do personagem em sua aventura colonizadora, como a chegada de Mem de Sá ao Brasil; a morte do filho Fernão de Sá na batalha do Cricaré; o momento em que o português enfrenta o cacique Cururupeba e o castiga; a submissão dos indígenas às leis cristãs contra a guerra e a antropofagia; a revolta dos índios de Ilhéus; a batalha contra

os franceses e os Tamoios; os preparativos para a expedição aos Caetés que não se realizou; a morte do Bispo Sardinha; a expedição ao Rio de Janeiro; a guerra de Paraguaçu; a tomada de Villegaignon; além de uma narração enviesada sobre a história da igreja brasileira.

Apesar da influência renascentista seguida por Anchieta, a originalidade se faz presente ao alterar a ordem de algumas partes, antecipando a dedicatória, e ao fugir das temáticas pagãs como forças operadoras do destino do herói. Josefa Nunes Tavares, pontua que no decorrer do poema,

a mitologia pagã surge como um recurso retórico, reforçando a tese de que o discurso épico do cristianismo encontra-se impregnado de elementos pagãos, destituídos de poderes, mas servindo como elemento importante na caracterização de uma epopeia cristã. (TAVARES, 2010, p. 39).

Observa-se que a epopeia colonial de Anchieta apresenta a matéria épica contaminada pela integração dos feitos históricos com a dimensão mítica; assim, a perspectiva poética articula o plano do maravilhoso cristão e os referenciais das representações sociais indígenas. Da mesma forma, os elementos da tradição usados na composição épica estão explícitos, por exemplo, na formulação de um herói cristão e seu inimigo a ser vencido.

2.2 A gesta de Cecília Meireles: o herói contrariado

O poema de Meireles “Gesta de Men de Saa” narra a travessia marítima do herói português em um período anterior ao exposto na obra de Anchieta, a qual, por sua vez, inicia a narrativa na sua chegada à colônia. Se formos usar a terminologia de Genette (2010), pode-se dizer que a poeta reelabora o assunto da obra de Anchieta por intermédio dos recursos da transtextualidade, especialmente por uma extensão por adição maciça.³

A narrativa ceciliana compõe-se de 135 versos divididos em 31 estrofes, sendo 25 tercetos e 6 décimas, que chamaremos de “estrofes de intersecção”, pois são usadas para marcar as divisões no texto. A

³ Para Genette (2010, p. 13), “a transtextualidade, ou transcendência textual do texto, que definiria já, grosso modo, como ‘tudo que o coloca em relação, manifesta ou secreta, com outros textos’”.

organização das estrofes ocorre da seguinte maneira: a cada 4 tercetos, apresenta-se uma estrofe de intersecção. Ao final, após a última estrofe de intersecção, o poema é finalizado com um terceto de encerramento.

No que tange à divisão do poema, a trajetória de Mem de Sá no texto é organizada em 6 partes, com 4 tercetos cada, seguidas da décima de intersecção. Para efeito de análise, achamos por bem intitular as partes da seguinte forma:

- I – “Apresentação do herói e seu embarque” (estrofes 1, 2, 3, 4 e 5);
- II – “Em alto-mar” (estrofes 6, 7, 8, 9 e 10);
- III – “A morte dos jovens” (estrofes 11, 12, 13, 14 e 15);
- IV – “A tormenta” (estrofes 16, 17, 18, 19 e 20);
- V – “O desvio” (estrofes 21, 22, 23, 24 e 25);
- VI – “Os vencidos” (estrofes 26, 27, 28, 29 e 30);
- Terceto de encerramento: “A chegada” (estrofe 31).

As 6 partes do poema se iniciam com o advérbio de designação “EIS”, redigido em letras maiúsculas com o intuito de enfatizar cada etapa, ao mesmo tempo em que introduz a personagem nas diferentes fases de sua aventura colonizadora. As estrofes intermediárias, no total de seis, são, por sua vez, compostas em redondilhas maiores, servindo assim como um atenuante rítmico que lembra um coro, uma voz alternativa à narração. O terceto de encerramento marca o término da aventura marítima com a chegada do herói ao Brasil.

“Gesta de Men de Saa” é construída por versos decassílabos em sua grande parte, com acentuação na 4^a, 8^a e 10^a (sáficos) e na 6^a e 10^a (heroicos). O trabalho rigoroso de versificação, usual nas poesias de Cecília Meireles, evidencia, na verdade, a intencionalidade da construção de um diálogo com a tradição literária, empregando tais procedimentos como moldura para o desenvolvimento das ações em sua gesta.

O diálogo primeiro e mais óbvio que o poema ceciliano “Gesta de Men de Saa” estabelece com a narrativa de Anchieta é por meio do título. *De Gestis Mendi de Saa* foi traduzido por Padre Armando Cardoso como *Feitos de Mem de Sá*, entretanto, Fabrício Possebon (2007) indica que outra possível tradução seria *A Saga de Mem de Sá*, por possuir melhor sonoridade e demonstrar a épica em sua gênese. O pesquisador alerta, porém, que o termo “gesta” também seria adequado pela estrutura épica

do texto de Anchieta, escolha esta realizada por Meireles, e que já aponta para uma paratextualidade entre as duas obras.⁴

Mais um ponto de contato entre os dois textos que merece menção é a citação dos membros da família Sá: Guiomar, Briolanja, Fernão de Sá, Sá de Miranda e Gonçalo Mendes de Sá, os quais se tornam o centro de representação poética em alguns momentos, como veremos abaixo. Da mesma forma, a poesia ceciliana se apropria de vários temas que aparecem na gesta de Anchieta, como a luta, a conquista, exílio, separação e a morte, não deixando de apresentar características do maravilhoso para as ações do herói.

Por outro lado, a poeta subverte a épica quinhentista ao configurar o protagonista a partir de um processo de liricização da gesta, priorizando sua descrição emocional durante a narrativa das ações. Isso ocorre especialmente nas estrofes em digressão, nas quais o personagem incrusta um discurso mais lírico ao ganhar voz e cantar em um tom disfórico seus sentimentos e suas impressões de mundo. Nesse momento, o herói apresenta-se como um sujeito magoado, fragilizado frente aos desígnios da colonização. Tal descrição já ocorre no primeiro momento do poema ceciliano, quando Mem de Sá é, de maneira inusitada, introduzido:

1. Eis o insigne varão, todo magoado,
 2. que sobe à sua nau, solenemente,
 3. a serviço del-Rei longe mandado.
- (MEIRELES, 1965, p. 58).

Esta imagem melancólica de Mem de Sá descreve um herói magoado, com a alma enferma de amargura, e que cumpre, com “a alma sozinha” (MEIRELES, 1965, p. 58), seu dever designado pela ordem del-Rei. Um herói contrariado, vivendo o conflito de ter que subjugar seu desejo individual ao desejo coletivo.

A comparação entre a descrição do personagem em Anchieta e em Meireles possibilita ampliar os horizontes de entendimento entre os dois momentos históricos nos quais as gestas foram constituídas. Conforme

⁴ Para Genette (2010, p. 15), a paratextualidade é a relação entre os elementos pré ou pós-textuais com outros textos. Os elementos paratextuais são: “título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, [...] e tantos outros tipos de sinais acessórios.” Já em *Paratextos editoriais*, Genette (2009, p. 9) aponta que os paratextos dinamizam a construção textual, envolvendo e ampliando suas capacidades de leitura.

Possebon (2007, p. 149), na narrativa de Anchieta a jornada de Mem de Sá se inicia com o chamado, mas a iniciação do herói ocorre de fato com a morte de seu filho. De fato, a narração sobre as provas enfrentadas ocupa a maior parte do poema de Anchieta, tais como a batalha contra os índios em Ilhéus e a ocupação francesa no Rio de Janeiro. A apoteose ocorre quando a pólvora da tropa de Mem de Sá chega ao fim e, após uma poderosa prece, Deus afugenta os inimigos. O jesuíta não se detém a narrar os fatos que reorganizam a ordem do mundo, mas se ocupa com a louvação ao herói, como se vê no início do poema, em que faz uma descrição física do herói:

166. [...] Superiores aos anos,
 167. ornam-lhe o rosto barbas brancas e majestosas:
 168. alegres as feições, sombreadas de senil gravidade,
 169. vivos os olhos, másculo o arcabouço do corpo,
 170. frescas ainda, como de moço, as forças de adulto.
 171. Muito mais excelente é a alma: pois lha poliram
 172. vasta ciência, com a experiência longa do mundo,
 173. e a arte da palavra bela. arraigado no seio
 174. traz um amor de Deus, santo, filial, verdadeiro
 175. e a fê jamais desmentida.⁵

(ANCHIETA, 1986, p. 93-94).⁶

Em Meireles, tal prerrogativa é inversa. A transposição do herói ocorre evidenciando apenas seus aspectos emocionais, principalmente

⁵ 166. [...] multis cui grandior annis
 167. Canities mentum decorat; cui plurima vultu
 168. Maiestas, hilaris facies gravitate senili
 169. Ornata, atque alacres oculi; cui maxima virtus
 170. Corporis, et validae iuvenili robore vires;
 171. Ast animus longe excellens, quem plurima rerum
 172. Cognitio longusque usus doctaeque Minervae
 173. Explolunt artes; mediisque infixae medullis
 174. Vera Dei pietas, et santo insignis amore
 175. Haud turbata fides Christi [...]

⁶ As traduções de latim de Anchieta neste trabalho são de autoria do Pe. Armando Cardoso, S.J.

quando lhe é dada a voz, momento em que o processo de liricização ocorre mais veementemente, como se pode notar abaixo:

1. Eis o insigne varão, todo magoado,
[...]
9. E, já por amarguras d'alma enfermo,
10. a água dos olhos seus ao mar se enlaça.
[...]
65. nem sei de mim nem dos outros,
66. do que são nem do que sou...
[...]
120. Obediente à severa lei humana,
121. segue a nau que, mais de vezes,
122. regeu a lei de Morte, soberana...
(MEIRELES, 1965, p. 58-62).

A análise do poema indica uma narração que oscila entre primeira pessoa do singular (versos 61, 65 e 66), e do plural (versos 32, 33 e 34). Desta forma, a narrativa da viagem de oito meses da personagem portuguesa pelos mares até sua chegada ao Brasil reelabora e torna dupla a instância de enunciação, respaldando o hibridismo do gênero que marca o poema ceciliano.

Ao tomar a forma da primeira pessoa do plural, nota-se que o poema aborda os temas coletivos da tradição portuguesa de maneira a envolvê-los e a trançá-los no destino da personagem principal. Por outro lado, a expressão tende a ser mais lírica quando se assume a primeira pessoa do singular, dando voz a Mem de Sá, que canta as aventuras de sua família entre as Letras e as Armas.

57. Alto destino dos Saas,
58. que em Leis, em Armas e Letras⁷

⁷ Ernst Robert Curtius, em *Literatura europeia e Idade Média* (1979), faz um histórico sobre o percurso do tema “Armas e Letras” no decorrer da épica antiga e medieval, ao observar que, no início de seu desenvolvimento literário, “arma” significava o valor, “letras” tratava do saber. Guerra e sabedoria eram duas condições contrapostas, e, desta forma, a cada herói era designado uma habilidade. Já na Idade Média, o *topos* propõe transformações, unindo-os em uma única *persona*. Além disso, é importante destacar que alguns poetas do século espanhóis XVI e XVII, como Cervantes e Calderón, além

59. serviram à guerra e à paz,
 60. a todo serviço afeitos.
 61. Para onde agora me vou?
 62. por que desígnios secretos,
 63. para que secretos feitos?
 64. Nestes tempos imperfeitos,
 65. nem sei de mim nem dos outros,
 66. do que são nem do que sou...

(MEIRELES, 1965, p. 60).

Este estado angustiado e perplexo diante de seu tempo é marcado não somente pelos dois pontos de interrogação (versos 61 e 63), mas também pela reiteração do negativo pelo “nem”, aqui uma conjunção adversativa, que, juntamente com os adjetivos “secretos, imperfeitos”, impõe um tom de negatividade e incertezas.

A passagem da narração do coletivo para o questionamento do indivíduo determina a carga emocional empregada para que a lírica se sobressaia. A partir deste recurso, percebe-se que o sujeito lírico articula um jogo especular entre o eu e o outro, “nem sei de mim nem dos outros, / do que são nem do que sou...” (versos 65 e 66). Fica nítido aqui um herói instável construído a partir de suas angústias, que considera seu “tempo imperfeito” (verso 64).

As tensões estabelecidas na construção intratextual que transformam, distanciam e aproximam favorecem a construção da personagem por meio daquilo que Silva & Ramalho chamam de um “herói relacional” (SILVA; RAMALHO, 2007, p. 153).⁸ Tal questão pode ser demonstrada no quadro abaixo, que apresenta uma síntese das principais diferenças entre os heróis das gestas estudadas:

da atividade intelectual, prestaram serviços de guerra. Curtius pontua ainda que “armas e letras são designadas como dois caminhos de igual valor para as honras e riquezas” (CURTIUS, 1979, p. 186).

⁸ Para Silva e Ramalho (2007, p. 153), o herói relacional é constituído por identidades heroicas resultantes de “diversas outras subjetividades superpostas na instância de enunciação do eu-lírico/narrador que, por isso, pode agenciar os diversos fragmentos históricos e fundir os percursos das viagens particulares no curso espaço-temporal da nova viagem”.

QUADRO 1 – Comparação do herói nas gestas

<i>De Gestis Mendi de Saa</i> – José de Anchieta	“Gesta de Men de Saa” – Cecília Meireles
Herói épico	Herói épico-lírico
Enviado por Deus	Enviado pelo rei
Descrição física: senhor de barbas brancas e majestosas, feição alegre, vivos os olhos, másculo	Não há descrição física, mas há uma descrição psicológica que ressalta o sofrimento do herói
Conhecedor do mundo e da arte da palavra	Perdido na rota de viagem e confuso sobre si
Temente e obediente à Deus	Obediente à lei dos homens e à lei do mar
Vingador e violento	Magoado, amargurado
Corajoso	Amedrontado e assustado
Herói com nome e sobrenome	O nome do herói aparece apenas no título e sua identificação no poema é substituída por sua função civil. O poema, porém, faz menção a sua família
Sofre com a morte do filho (relatada em digressão e prolepse)	Sofre com a morte do filho (relatada em prolepse)

Fonte: MEIRELES, 1965, p. 58-63.

Um dos trechos em que se pode notar tais diferenças é o episódio da morte do filho de Mem de Sá, Fernão de Sá, condensado em dois versos (versos 52 e 53) na gesta de Meireles, que opta por trazer o foco da narrativa para os pais heróis que permaneceram vivos e cujas vozes sofridas determinam um momento de emoção forte nesta gesta (versos 54, 55 e 56):

52. há guerras negras em que adolescentes
 53. se tornam, com o morrer, velhos e graves.
 54. Ceuta! ah! como podemos ser contentes,
 55. nós, os pais desses moços acabados,
 56. que nos deixaram por sobreviventes?

(MEIRELES, 1965, p. 60).

Anchieta, por sua vez, relata em dois momentos a morte do filho de Mem de Sá: a primeira em uma prolepse em que há a indicação de uma predestinação e uma preparação do herói para os terríveis enfrentamentos

que virão (v. 183 a 186); e a segunda em um episódio em que a morte desse jovem é narrada em detalhes. Vejamos a prolepe:

183. Mas muitas lágrimas doridas a primeira refrega
 184. custear-te-á. Nela tombará um filho querido
 185. varado de setas, e tingirá as praias as praias de sangue
 186. inda jovem, lançando às auras o tênue sopro da vida.⁹

(ANCHIETA, 1986, p. 93-94).

O episódio da morte de Fernão de Sá é narrado no Livro I, versos 231 a 809, compondo uma outra narrativa dentro da gesta de Anchieta, e tornando este personagem também um herói por meio de todas as etapas épicas.

Se em Anchieta a digressão apresenta a morte do filho do herói como uma iniciação do herói Mem de Sá, em Meireles o assunto é retomado como memória em uma estrofe também em digressão. No entanto, entende-se que a função da digressão em Meireles sumariza ao omitir trechos sobre a morte de Fernão de Sá, uma vez que é centrada em deslindar as emoções de um só sujeito, Mem de Sá. Ora, a sumarização é uma característica da lírica, a qual pressupõe a apresentação do sujeito poético de maneira condensada e tensa. Por outro lado, percebe-se também que a recordação toma as proporções da lírica ao interpor no discurso narrativo interferências da voz do herói, que demonstra o seu sentimento de luto.

Tais escolhas estéticas assinalam de maneira decisiva a posição ideológica de cada uma das obras. No caso de Anchieta, a colonização tem uma perspectiva eufórica e heroica, e em que, com o Cristianismo, toma o antigo papel do guia condutor pagão da epopeia a um Deus cristão ou um de seus representantes, como se pode ver abaixo:

1. Eis que vês, potentado supremo, quão grande façanha
2. realizou a força onipotente do Deus.¹⁰

(ANCHIETA, 1986, p. 83).

⁹ 183. Sed tibi prima graves lacrimas dabit atque labores

184. Pugna, cadet multo cum carus vulnere natus

185. Confossus, pulchroque intinget sanguine arenas

186. Purpureus, tenues et vitam efflabit in auras.

¹⁰ 1. Adspicis en quantum superi divina Tonantis

2. Patravit virtus, maxime Rector, opus.

Já em Meireles, tal momento histórico é exposto a partir da complexidade das sociedades modernas e da revisão do processo de colonização do país. Silva & Ramalho pontuam que a partir da modernidade houve uma “impossibilidade de estabelecer uma unidade entre o individual e o social” (SILVA; RAMALHO, 2007, p. 227). A dificuldade de se articular o individual e o social desencadearam, portanto, no século XX, mudanças estruturais importantes para a épica, como a diluição do lugar do sagrado.

A propósito disso, pode-se dizer que a gesta de Meireles apresenta um herói problematizado a partir do seu sentimento frente ao mundo, pois, como se observa, ele se apresenta como um sujeito amedrontado, por vezes solitário, confuso e perdido. Da mesma forma, percebe-se a diluição do aspecto cristão. Em Meireles, o protagonista é enviado à sua missão por vontade e ordem do rei, e somente no verso 104 há um apelo a Deus como testemunha de seus atos. Lança-se, então, a responsabilidade do destino de Mem de Sá a um motivo político (“a serviço del-Rei mandado”), enquanto o jesuíta eleva os feitos de Mem de Sá à ordem divina:

146. Mas um dia o Pai onipotente volveu os olhares
 147. dos reinos da luz à noite das regiões brasileiras,
 148. às terras que suavam, em borbotões, sangue humano.
 149. Então mandou-lhes um herói das plagas do Norte,
 150. um herói que vingasse os crimes nefandos,

 151. que banisse as discórdias, freiasse o assassínio,
 152. bárbaro e contínuo, acabasse com as guerras horrendas,
 153. abrandasse os peitos ferozes e não sofresse impassível
 154. cevar-se em sangue de irmãos queixadas humanas.¹¹
- (ANCHIETA, 1986, p. 93).

¹¹ 146. Donec ab aethereis spectans regionibus oras
147. Brasilles Pater omnipotens, loca nocte sepulta
148. Horrifica, humano sudantes sanguine terras,
149. Misit ab Arctois ultorem criminis oris,

150. Criminis infandi ultorem; qui pelleret iras
151. Crudeles terra; qui funera dira, cruentis,
152. Perpetrata modis, compesceret, hórrida sedans,
153. Bella, feros animos mulcens, rabidisque cruorem
154. Rictibus humanum pasci non ferret inultus.

Como se sabe, a justificativa da missão religiosa para a colonização era usual nos textos dos colonizadores portugueses. Em Meireles, porém, outro viés é tecido, uma vez que se recoloca o herói em uma estatura humana, encontrando-se obrigatoriamente à mercê da ambição colonialista da coroa portuguesa, o qual, contra seus interesses pessoais, ele obedece. Portanto, o confronto entre os textos demonstra uma reelaboração do personagem consoante a uma visão mais individualista, além de demonstrar, em um movimento inverso ao hipotexto, os aspectos negativos da colonização.

3 Conclusão

A gesta ceciliana resgata a estrutura da épica e a transforma, contaminando-a com elementos da poesia lírica que, além de narrar os fatos em várias vozes, constrói uma figura heroica desestabilizada, na qual sua subjetividade se sobressai às questões coletivas. Neste processo de liricização do herói da gesta, o indivíduo se sobressai e, de todas as provas a serem superadas, a maior é o seu próprio sentimento de desajuste frente aos desígnios do poder político em que está inserido, a qual ele não se associa, constituindo-se, assim, em um herói fragilizado, até mesmo contrariado, o que evidencia um tom disfórico no discurso do colonizador e, por conseguinte, da colonização.

Nesse sentido, a subversão dos gêneros em Meireles possibilita que a ênfase da narração se transfira para o âmbito subjetivo, ampliando as perspectivas interpretativas e possibilitando a revisão da história oficial para um olhar que traz uma abordagem inversa à registrada no hipotexto. O procedimento também proporciona ao texto uma ideia de multiplicidade que é norteadora de toda a *Crônica trovada*, uma vez que se coloca como um recurso poético essencial para demonstrar que a formação de uma nação também é narrada através das variadas perspectivas e posições ideológicas.

A releitura da gesta colonial, então, constrói um enredo e uma personagem desestabilizada, em um longo embate consigo mesmo. O herói se volta para si mesmo em sua narrativa, e, acima de tudo, escreve sua própria história íntima. É um herói humanizado, rebaixado, que se revolta contra o papel que lhe foi concedido na História. Um herói

contrariado, que subverte as narrativas contadas a seu respeito no tempo em que os processos de colonização eram vistos como engendrados de homens superiores com propósitos divinos.

Referências

ANCHIETA, José de. *De Gestis Mendi de Saa*. Introdução, versão e notas do Pe. Armando Cardoso, S. J. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

CANDIDO, Antonio. “A literatura é uma transfiguração da realidade”. Entrevista concedida a Luís Augusto Fischer. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 157-162, 2011.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e Idade Média latina*. Tradução de Teodoro Cabral. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Tradução de Luciene Guimarães e Maria Antônia R. Coutinho. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MEIRELES, Cecília. *Crônica Trovada da Cidade de Sam Sebastiam*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1965.

POSSEBON, Fabrício. *O épico De Gestis Mendi de Saa (A Saga de Mem de Sá) de José de Anchieta*. 2007. 228f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da; RAMALHO, Christina. *História da epopeia brasileira: teoria, crítica e percurso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. v. 1. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882007000100011>.

TAVARES, Josefa Nunes Tavares. A Natureza Épica do Cristianismo em *De Gestis Mendi de Saa*. *Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 1, n. 2, p. 37-50, jul./dez., 2010.

VASCONCELOS, Carolina Michaëllis de. Vida de Sá de Miranda, “Adiantamentos à vida” e ademais aparatos críticos de introdução e notas. *In: SÁ DE MIRANDA, Francisco de. Poesias de Sá de Francisco de Sá de Miranda*. Halle: Max Niemeyer, 1885.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaio sobre a crítica da cultura*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Edusp, 1994.

Recebido em: 5 de abril de 2019.

Aprovado em: 24 de junho de 2019.